

DA RBS

Aposta no conhecimento

Investir em inovação e tecnologia significa mostrar a intenção de não ficar para trás na corrida do desenvolvimento, cada vez mais alicerçada no conhecimento. Produzir pesquisas que um dia poderão se materializar em novos produtos, métodos ou processos, com benefícios econômicos, maior bem-estar para a população e proveitos sociais é o diferencial de ser protagonista em um mundo em que as novidades surgem cada vez mais rápido ou ir apenas a reboque, consumindo o que é criado em outras partes do globo.

A chegada da pandemia fez com que o interesse pela ciência ressurgisse com força, mas no Brasil constata-se que os recursos disponíveis para aplicar na área são decrescentes nos últimos anos, na contramão das nações que lideram a maratona do crescimento. Há inúmeras iniciativas que envolvem a iniciativa privada, é verdade, mas em todo o mundo capitalista o apoio do poder público é essencial, seja na injeção direta de recursos ou na formulação de incentivos de toda ordem.

Sintonizado com essa necessidade de apoio estatal, o governo gaúcho apresentou o programa Avançar na Inovação, que prevê aportes de R\$ 112,3 milhões em ciência e tecnologia no Rio Grande do Sul. Os recursos, segundo o Piratini, são os maiores vindos diretamente do Tesouro do Estado ao menos nos últimos 10 anos. A Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict), a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) serão contempladas. Alguns editais da Sict já estão abertos, abrangendo uma série de programas, como os que dão suporte para startups e iniciativas que visam ao desenvolvimento de games.

É, sem dúvida, uma aposta



Direcionar fatia maior do orçamento para a inovação é estratégia básica de qualquer país, Estado ou cidade que queira não ser apenas um espectador do curso da História.

correta. Muito do conhecimento que será produzido, ao ser aplicado, poderá ser transformado, no futuro, em uma economia mais forte e dinâmica, criando condições de geração de mais emprego e renda.

Não apenas para as pessoas diretamente ligadas às pesquisas. Os efeitos benignos se espalham por toda a sociedade, com mais produtividade, novas soluções e, ao fim, maior PIB. E cria, sobretudo, um ambiente propício para mitigar um dos grandes problemas não só do Estado, mas do país: a fuga de cérebros. Um bom aproveitamento dos recursos fará com que seja possível, para muitos jovens talentosos, alcançar a realização profissional sem necessariamente ter de estar longe de suas famílias. O Rio Grande do Sul, na Capital e no Interior, conta com capital humano capacitado e toda uma vasta rede de universidades, parques tecnológicos e incubadoras, entre outras instituições, que formam um bem-estruturado ecossistema vocacionado para a produção de conhecimento. Há precondições, portanto, para os gaúchos se posicionarem como referência. Direcionar fatia maior do orçamento para a inovação é estratégia básica de qualquer país, Estado ou cidade que queira não ser apenas um espectador do curso da História.

DO LEITOR

DEJAIR SALVADOR, DIVULGAÇÃO



PAISAGEM

Pôr do sol no Rio Mampituba, em Torres, pelas lentes do leitor Dejaír Salvador. Mostre suas fotos para a gente também. Use #doleitorpio ao postar no Instagram ou mande para leitor@pioneiro.com, com nome completo e local da registro. Participe!

Artigo

Por que os preços sobem tanto

DAGOBERTO LIMA GODOY
Empresário

Os preços estão aumentando em um ritmo de meter medo e esvaziar os bolsos, especialmente os dos mais pobres. É bom que se saiba que isso não acontece só no Brasil, mas em todo o mundo. Não serve de consolo, mas torna mais importante perguntar-se por que o problema é assim, geral. É certo que tanto a globalização da economia quanto a pandemia da covid-19 são causas evidentes, mas não devem ser culpadas sozinhas pelo empobrecimento generalizado.

É preciso lembrar como governantes reagiram diante desses fatos, mundo afora, com o apoio da mídia internacional e sob os aplausos dos políticos, especialmente os da esquerda. Ressabadas as exceções, então acusadas de falta de senso humanitário, a maioria resvalou nos limites do autoritarismo ao impor regimes de isolamento social e quarentenas, com isso prejudicando a produção de bens e serviços e, ainda mais, desorganizando o sistema produtivo, em todo o mundo.



É bom que se saiba que isso não acontece só no Brasil, mas em todo o mundo. Não serve de consolo, mas torna mais importante perguntar-se por que o problema é assim, geral.

A palavra de ordem foi “cuidar primeiro das vidas; a economia a gente vê depois”. E governos, como o brasileiro, que se inclinavam a enfrentar a pandemia com visão de médio e longo prazo, foram pressionados pelos opositores políticos e pela mídia, em geral, a seguir a corrente dominante. Então, impôs-se a necessidade de socorrer as multidões deixadas sem ganha-pão, com o que os bancos centrais ao redor do mundo passaram a

produzir moeda, em um ritmo sem precedentes desde o fim do padrão-ouro, 50 anos atrás.

Essa dupla estratégia governamental gerou um perverso “efeito-pinça” sobre a economia: de um lado, reduziu-se a oferta, por produzir-se menos e com menor produtividade; de outro lado, no sentido inverso, aumentou-se enormemente o volume de moeda em circulação. Quer dizer: mais dinheiro para ser trocado por ativos escassos, resultando em elevação de preços para bens essenciais e serviços, em escala mundial.

Poderiam tantos governos ter dado outra resposta ao flagelo da covid-19? Então, seria diferente o balanço entre as perdas e sofrimentos de curto e de longo prazo? Quem poderá dizer? De momento, só me atrevo a repetir o que escrevi, logo que a pandemia aqui chegou:

“Os governantes que fraquejam ao enfrentar grandes ameaças, enquanto responsáveis pelos destinos de um povo, serão inevitavelmente condenados e vilipendiados, não importa qual tenha sido a natureza – boa ou má – de suas motivações.”

Fotos de leitores, cartas com até 200 caracteres e artigos com 2.100 caracteres devem ser enviados para o email leitor@pioneiro.com, com nome completo, profissão, endereço, telefone e CPF do autor. As fotos também podem ser postadas no Instagram com a #doleitorpio. Os textos estão sujeitos a edição.

Grupo RBS

Conselhos de Acionistas e de Administração

Carlos Melzer	Jayme Sirotsky
Geraldo Corrêa	Luiz Lima
Gilberto Meiches (Presidente do Conselho de Acionistas)	Marcelo Sirotsky
	Nelson Pacheco Sirotsky
	Pedro Sirotsky
Ibanor Polesso (Secretário)	Sônia Pacheco Sirotsky

Presidente Emérito:
Jayme Sirotsky

Fundador:
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

Comitê Executivo

Presidente: Claudio Toigo Filho
Jornalismo e Esporte: Marta Gleich
Entretenimento e Canais: Marco Gomes
Mercado: Patrícia Fraga
Estratégia e Transformação: Marcelo Leite
Finanças: Mariana Silveira
Comunicação e Projetos: Caroline Torma

Pioneiro

Fundado em 4 de novembro de 1948

Diretor Regional da RBS Caxias: Joel Goulart Junior

Gerente Comercial da RBS Caxias: Greice Parenza

Gerente de Jornalismo Jornais e Rádios: Nilson Vargas

Gerente de Jornalismo da RBS Caxias: Andreia Fontana

Editora-Chefe da Gaúcha Serra e do Pioneiro: Tríssia Ordovás Sartori